

**A**

***Economia***

***Açucareira***

O único objetivo dos portugueses na colonização das terras brasileiras era acumular riquezas.

Possuíam uma política  
protecionista e uma  
adoção de mecanismos  
que garantissem uma  
balança comercial  
favorável.

Os papéis exercidos pela Colônia, portanto, eram fornecer gêneros e matérias-primas para a Metrópole e absorver parte da produção metropolitana.

Essa relação de  
dominação foi expressa  
pelo **Pacto Colonial**, por  
meio do qual a Colônia se  
obrigava a vender somente  
para a Metrópole e  
comprar unicamente dela.

Dessa forma,  
Portugal poderia  
pagar o que  
imaginasse e cobrar  
o que achasse  
conveniente.

Nossas terras,  
portanto, exerceram,  
durante o **Período  
Colonial**, esta  
função: serem  
exploradas.

A opção pelo açúcar  
como produto chave  
para o  
desenvolvimento da  
Colônia, a quatro  
aspectos:

- O açúcar era adaptável às condições climáticas e territoriais do Brasil.

- Já era produzido por Portugal desde antes dos descobrimentos nas suas ilhas do Atlântico.

- Associação entre Portugal e Holanda, que financiou os altos custos de instalação.

- Era uma especiaria

largamente procurada na Europa, onde era vendida com consideráveis lucros.

Há notícias da produção de açúcar na Colônia desde 1516. Em 1526, há um registro de pagamento de imposto sobre um carregamento de açúcar nos portos de Lisboa.

O introdutor da  
cana no Brasil foi  
Martim Afonso de  
Sousa, em São  
Paulo.

# A Estrutura da Produção Açucareira

A produção do  
açúcar no Brasil  
seguiu duas lógicas  
distintas, mas  
complementares:

A do mercantilismo,  
que determinava o  
acúmulo de riquezas  
na Metrópole por  
meio da exploração  
da Colônia;

e da própria Colônia e sua gente, com suas dificuldades e limitações, o que exigia um constante esforço de adaptação.

Latifúndio:

Muito lucro exigia  
produção em larga  
escala. Como havia  
muita terra, por que  
não aproveitá-la?

# Monocultura:

A produção de açúcar em larga escala impedia a diversificação econômica, ampliando a dependência dos colonos dos produtos portugueses.

- **Mão-de-obra compulsória:**  
A intenção de maximizar os lucros e limitar o número de proprietários foram as razões para utilização da mão-de-obra escrava.

O negro chegava ao Brasil, depois de adquirido na África, pela prática do escambo com os chefes dos grupos tribais: em troca de quinquilharias, negros capturados de outras tribos eram entregues aos brancos.

Trazidos em navios denominados de tumbeiros, cerca de 40% da “carga” perecia. Mesmo assim, os lucros com esse “negócio” eram mais vantajosos do que qualquer outro.

A estrutura da produção descrita denominou-se **plantation** e destinou-se a complementar a economia portuguesa.

Os engenhos  
localizavam-se  
geralmente próximo aos  
rios, para aproveitar a  
força motriz das águas e  
também para facilitar o  
escoamento da produção.

1. Casa-grande
2. Senzala
3. Casa de engenho (moenda)
4. Capela
5. Casas de empregados livres
6. Canavial (partidos de cana)
7. Curral
8. Reserva florestal
9. Roças de subsistência (alimentos)
10. Rio

As moendas funcionavam  
vinte horas por dia, parando  
apenas para a limpeza.

Muitos escravos trabalhavam  
dois turnos, em um ritmo que  
muitas vezes durava de oito  
a nove meses.

No final do século XVI,  
estima-se em cerca de  
500 mil arrobas (cada  
arroba equivale a 15  
quilos) a quantidade de  
açúcar produzida na  
Colônia.

- **Pecuária:** o gado serviu como fonte de alimento, vestuário e força motriz;

- **Algodão:** base da produção das roupas dos escravos.

- **Mandioca: alimento essencial para a subsistência do engenho, particularmente dos escravos.**

- **Fumo e Aguardente:** produtos de baixo valor de produção, funcionaram como “moeda” no tráfico negreiro.

A

*Sociedade*

*Açucareira*

A sociedade  
açucareira era  
rural,  
estratificada e  
patriarcal.

Na pirâmide social,  
encontravam-se  
respectivamente o **senhor  
de engenho**; os funcionários  
graduados; os clérigos; os  
mercadores; os lavradores e  
trabalhadores livres; e por  
último os escravos.

Também podemos citar pedreiros, carpinteiros e especialistas na produção do açúcar, que chegavam a consumir até 25% da receita do engenho.

Comerciantes, traficantes de escravos, funcionários da Coroa e religiosos que, somados aos mestiços, forros, mendigos e prostitutas.

A senzala era infecta,  
escura e úmida. As  
vestimentas constituíam-  
se de verdadeiros  
farrapos. As revoltas,  
fugas e suicídios eram  
muito freqüentes.

